



CIÊNCIAS DA SAÚDE

Gestão de riscos de atividades ao ar livre durante a pandemia de COVID-19: um relato de experiência*Risk management of outdoor activities during the COVID-19 pandemic: an experience report*Rodrigo Cavasini¹, Alice Pisani Annes², Jaqueline de Lima Kssesinski³, Rafael Falcão Breyer⁴**RESUMO**

As atividades ao ar livre podem expor os praticantes a riscos, os quais não devem ser considerados unicamente impeditivos, entretanto, geram a demanda por processos estruturados de gestão, ainda mais relevantes com a presença da COVID-19. Este trabalho relata a experiência do desenvolvimento de um processo de gestão de riscos para atividades ao ar livre durante a pandemia de COVID-19. A experiência ocorreu em uma disciplina do Curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O processo de gestão de riscos buscou contextualizar a proposta de atividades ao ar livre, além de identificar, analisar, avaliar e tratar os riscos. Enfim, uma experiência que contribuiu para o aprimoramento da segurança dos participantes da disciplina e que pode ser útil a demais praticantes de atividades ao ar livre, em especial, durante a pandemia.

Palavras-chave: Esportes de aventura; turismo; saúde; educação; segurança.

ABSTRACT

Outdoor activities can expose practitioners to risks which should not be considered solely impeding; however, they generate the demand for structured management processes, even more relevant with the presence of COVID-19. This paper reports on the experience of developing a risk management process for outdoor activities during the COVID-19 pandemic. The experience took place in a discipline of the Physical Education Course at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. The risk management process aimed to contextualize the proposal for outdoor activities, identify, analyze, assess and treat the risks.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre/RS – Brasil. E-mail: rodrigo.cavasini@pucrs.br

² Graduanda de Biologia – PUCRS, Porto Alegre/RS. Brasil. E-mail: alice.annes@acad.pucrs.br

³ Pós-Graduanda em Gestão de Resíduos Sólidos – PUCRS, Porto Alegre/RS. Brasil. E-mail: jaqueline.kssesinski@acad.pucrs.br

⁴ Mestre em Ciências do Movimento Humano – PUCRS, Porto Alegre/RS. Brasil. E-mail: rfbreyer@gmail.com



Finally, an experience that contributed to improving the safety of participants in the discipline and can be useful to other practitioners of outdoor activities, especially during the pandemic.

Keywords: Adventure sports; tourism; health; education; safety.

1. INTRODUÇÃO

As atividades ao ar livre⁵ têm se tornado cada vez mais presentes nos contextos educacionais, recreativos, turísticos, esportivos, terapêuticos e inclusivos. Diversos fatores influenciam essa expansão, como as motivações e benefícios que podem ser explorados. (CAVASINI; BREYER, 2017). Para Manning (2011) as motivações possuem relação com desafios, reconhecimento social, conquistas, percepção de satisfação, aprendizados, contato com a natureza, entre outros. Os benefícios das atividades ao ar livre são organizados em questões pessoais, ambientais, sociais e econômicas, como: ampliação da percepção da qualidade de vida; controle do estresse e da ansiedade; desenvolvimento de oportunidades de emprego; ampliação da coesão social; valorização do meio ambiente; melhoria das relações entre os seres humanos e com o meio ambiente.

Em paralelo a diversão, descobertas, aventuras e demais benefícios que podem ser obtidos, as atividades ao ar livre também expõem os praticantes a riscos. Durante as práticas podem ocorrer: incidentes, como pequenas escoriações ou queimaduras leves causadas pela exposição solar; acidentes, como fraturas e reações alérgicas graves (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016); além de quase perdas que são eventos ou sequência de eventos, os quais poderiam ter gerado incidentes ou acidentes. (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016; ATTARIAN, 2012).

A possibilidade de ocorrência de eventos negativos durante a realização de atividades ao ar livre não deve ser negligenciada ou compreendida como impeditiva às práticas. (CAVASINI, 2016). A presença de riscos é uma característica indissociável das atividades ao ar livre (GRIMALDI; FELIPE; CUADRADO, 2013) que pode contribuir para a ampliação de aspectos motivacionais e o desenvolvimento pessoal. (KNIGHT, 2011). Entretanto, a exposição a riscos gera a demanda por processos estruturados de gestão (CAVASINI, 2018), que ultrapassem a intencionalidade de realizar atividades consideradas seguras. (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016).

A gestão de riscos integra iniciativas realizadas por instituições de prestígio internacional na área das atividades ao ar livre desde o final do século passado. (CAVASINI; BREYER;

⁵ O termo atividades ao ar livre se refere às atividades esportivas, físicas, recreativas e educacionais realizadas em ambientes ao ar livre, como: caminhada, surfe, canoagem, *slackline*, ciclismo, atividades educacionais ao ar livre e acampamento. (CAVASINI *et al.*, 2020).



PETERSEN, 2016). Contudo, a identificação da COVID-19⁶ em dezembro de 2019 e a declaração da pandemia em março de 2020, realizadas pela Organização Mundial da Saúde, exigiram uma adequação urgente nos processos de gestão de riscos. Essa urgência deve-se:

- exposição dos praticantes a novos e expressivos riscos (FREEMAN; EYKELBOSH, 2020; LNT, 2020);
- ampliação do interesse da população por atividades realizadas em espaços ao ar livre durante a pandemia (LNT, 2020; NRPA, 2020); e,
- relação entre as atividades ao ar livre e diversos benefícios à saúde (NRPA, 2020).

Frente ao apresentado, este trabalho objetiva relatar a experiência do desenvolvimento de um processo de gestão de riscos para atividades ao ar livre durante a pandemia. Acredita-se que este relato encontre justificativa pelas possíveis contribuições às instituições das áreas de educação, esporte, recreação e turismo que possuam iniciativas de desenvolvimento de atividades ao ar livre, bem como à população em geral que busca a prática de atividades ao ar livre durante a pandemia. A seguir serão discutidos aspectos teóricos da gestão de riscos de atividades ao ar livre, passando à experiência construída e, por fim, as considerações e perspectivas do estudo.

2. GESTÃO DE RISCOS DE ATIVIDADES AO AR LIVRE

Os riscos são constantes nas atividades realizadas pelos seres humanos e acabaram gerando a necessidade do desenvolvimento de formas para enfrentá-los. (BARTON, 2007). A maior parte das pessoas costuma gerir os riscos existentes nas diversas atividades do cotidiano, mesmo sem perceber ou realizar a gestão desses riscos de maneira estruturada. (LAROCHE; CORBETT, 2010).

Dickson e Gray (2012) relatam que as primeiras iniciativas estruturadas de gestão de riscos foram desenvolvidas por empresas seguradoras a partir de 1930. Em relação às atividades ao ar livre, Hogan (2002) afirma que a gestão de riscos se tornou um tema discutido nas últimas décadas. Kauffman e Moiseichik (2013) salientam que a gestão de riscos está presente nas ações que buscam a excelência no desenvolvimento de atividades ao ar livre.

A gestão de riscos pode ser compreendida como: “atividades coordenadas para dirigir e controlar uma organização no que se refere a riscos.” (ABNT, 2018). Conforme Attarian (2012) a gestão de riscos volta-se para o uso sistemático de políticas de gestão e procedimentos que buscam identificar, avaliar, tratar e monitorar riscos. Em relação às atividades ao ar livre Kauffman e Moiseichik (2013) afirmam que os objetivos da gestão de risco se relacionam

⁶ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada por um vírus. Esse vírus e a doença eram desconhecidos até o começo de um surto na cidade chinesa de Wuhan. (WHO, 2020).



com a gestão, redução e eliminação dos riscos que possam existir a qualquer momento das práticas.

Para Laroche e Cobertt (2010) a gestão de riscos de atividades ao ar livre justifica-se por várias razões: a maior parte dos riscos pode ser evitada ou minimizada; evitar a ocorrência de crises que podem ter custos humanos e financeiros; promover marketing positivo nas instituições; otimizar o uso do tempo e focar nos objetivos almejados. Nesse sentido Cavasini, Breyer e Petersen (2016) destacam que o aprimoramento de processos de gestão de riscos de atividades ao ar livre se relaciona com a maior compreensão de questões relativas aos riscos, fatores, processos de gestão e planos de resposta.

O termo risco pode ser compreendido como: “o efeito da incerteza sobre os objetivos.” (ABNT, 2018). Os riscos se relacionam com aspectos que podem impossibilitar o atingimento dos objetivos existentes em qualquer atividade ao ar livre, como a preservação da vida dos praticantes. Além disso, os riscos devem ser compreendidos em termos de probabilidades, ou seja, a possibilidade de algo acontecer; e consequências que são os impactos ou resultados de um evento. (FITZGERALD, 2003).

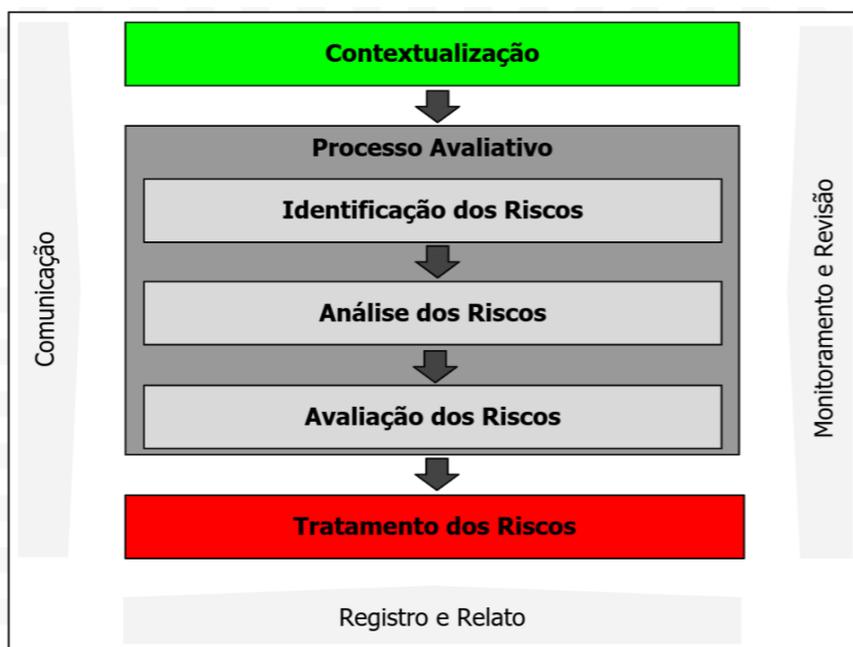
Os fatores de risco são elementos que contribuem para elevar a probabilidade de incidentes e acidentes. Os acidentes mais graves costumam resultar da combinação desses fatores. (ATTARIAM, 2012). Para Kauffman e Moiseichik (2013) os fatores de risco podem ser organizados em três categorias: fatores humanos, como competências pessoais, formação acadêmica, expertise, idade e motivação; fatores ambientais que incluem temperatura, presença de animais silvestres e características das áreas utilizadas; fatores relacionados aos equipamentos, em que podem ser citados roupas, calçados, capacetes, sistemas de comunicação e navegação.

Conforme Kauffman e Moiseichik (2013) existem diversos processos de gestão de riscos, contudo, os procedimentos costumam se relacionar com a contextualização, identificação, análise, avaliação e tratamento dos riscos. A figura 1 apresenta um processo de gestão de riscos de atividades ao ar livre.

De acordo com Kauffman e Moiseichik (2013) e Dickson e Gray (2012) a contextualização busca informações sobre as atividades, protocolos, leis, praticantes, lugares, recursos e critérios de aceitação a riscos. Conforme ABNT (2018) o processo avaliativo volta-se para: identificação, reconhecimento e descrição dos riscos; análise dos riscos, em especial, das consequências e probabilidades; e avaliação que busca determinar os níveis dos riscos. Para Dickson e Gray (2012) o tratamento dos riscos objetiva reduzir as probabilidades e as consequências; aceitar, evitar e transferir os riscos.



Figura 1 – Processo de gestão de riscos de atividades ao ar livre.



Fonte: Produzida pelos autores com base em ABNT (2018), Kauffman e Moiseichik (2013) e Dickson e Gray (2012).

Em relação aos demais passos ABNT (2018) os descreve conforme segue: comunicação busca promover o entendimento do risco, contribuindo para a eficiência da gestão; monitoramento e revisão objetivam contribuir para o aprimoramento dos processos; registro e relato buscam documentar os resultados e fornecer informações para a tomada de decisão e melhorar as atividades desenvolvidas.

A eficiência na gestão de riscos deve ser priorizada, contudo, as estratégias para a redução da exposição a riscos nunca eliminarão todas as probabilidades de acidentes. (KAUFFMAN; MOISEICHIK, 2013). As atividades ao ar livre possuem riscos que podem ser gerenciados, mas não completamente controlados ou eliminados. De maneira complementar, devem ser elaborados planos de resposta para tratar das situações geradas durante e após a ocorrência de incidentes ou acidentes. (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016).

Devido a pandemia de COVID-19 novos riscos foram acrescentados aos riscos já existentes nas atividades ao ar livre. (LNT, 2020). Dessa forma identificou-se a necessidade da adequação e desenvolvimento de processos de gestão de riscos. (FREEMAN; EYKELBOSH, 2020). O quadro 1 sumariza as considerações sobre a gestão de riscos durante a pandemia da *National Outdoor Leadership School (NOLS)*, *National Recreation and Parks Association (NRPA)*, *Leave no Trace Center for Outdoor Ethics (LNT)* e *National Park Service (NPS)*, as quais



são instituições de referência na área de atividades ao ar livre; e de um trabalho técnico sobre o assunto produzido por Freeman e Eyekelbosh (2020).

Quadro 1 – Considerações sobre a prática de atividades ao ar livre durante a pandemia de COVID-19.

Considerações	NOLS	NRPA	LNT	NPS	FEE*
1- Atender as recomendações de órgãos de saúde	X	X	X	X	X
2- Manter o distanciamento social	X	X	X	X	X
3- Higienizar constantemente as mãos	X	X	X	X	X
4- Usar máscaras faciais de modo adequado	X	X	X		X
5- Evitar a prática em caso de teste positivo ou sintomas de COVID-19	X	X	X	X	
6- Manter a etiqueta respiratória	X	X	X	X	
7- Considerar a existência de restrições de acesso aos locais de prática			X	X	
8- Evitar locais e horários com aglomeração de indivíduos		X		X	
9- Encaminhar de modo adequado os resíduos produzidos			X	X	
10- Evitar atividades com maior exposição a riscos			X	X	
11- Preferir o uso de locais próximos			X		X
12- Abordar os riscos e processos de gestão com os praticantes	X				

* Freeman e Eyekelbosh (2020)

Fonte: Elaborado pelos autores com base em NOLS (2020), NRPA (2020), LNT (2020), NPS (2020) e Freeman e Eyekelbosh (2020).

As seis primeiras considerações do quadro 1 são defendidas pela maior parte das fontes consultadas, estão em sintonia com o proposto pela World Health Organization (WHO)⁷ e o *Center for Disease Control and Prevention (CDC)*⁸ e se aplicam às atividades ao ar livre, bem como a atividades do cotidiano. As demais considerações tratam de questões específicas das atividades ao ar livre e se relacionam com o planejamento das práticas, a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos. Essas questões, conforme CAVASINI *et al.* (2020), integram um conjunto de competências básicas à prática eticamente orientada de atividades ao ar livre.

⁷ Disponível em: <<https://www.who.int/westernpacific/news/multimedia/infographics/covid-19>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

⁸ Disponível em: <<https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prepare/transmission.html>>. Acesso em: 26 jun. 2020.



De modo geral, a gestão de riscos pode ser considerada essencial para o êxito na realização de quaisquer atividades ao ar livre (FULLER; DRAWER, 2004), devendo ser desenvolvida anteriormente às práticas. (DICKSON; GRAY, 2012). A pandemia gerou novas demandas que precisam ser atendidas pelos processos de gestão de riscos, como está exposto no relato a seguir.

3. RELATO DO PROCESSO DESENVOLVIDO

A experiência ocorreu no primeiro semestre de 2020, na disciplina Esportes na Natureza do Curso de Educação Física que integra a Escola de Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A disciplina possui caráter teórico-prático e objetiva desenvolver conhecimentos sobre as atividades ao ar livre, educação ambiental, gestão de riscos, liderança e ética em atividades ao ar livre, bem como, realizar atividades experienciais⁹. Em razão da pandemia as aulas iniciaram presencialmente no mês de março; passaram a ser realizadas de modo online na quarta semana de março até junho; e o final do semestre ocorreu de modo híbrido, com aulas online e presenciais, durante o mês de julho.

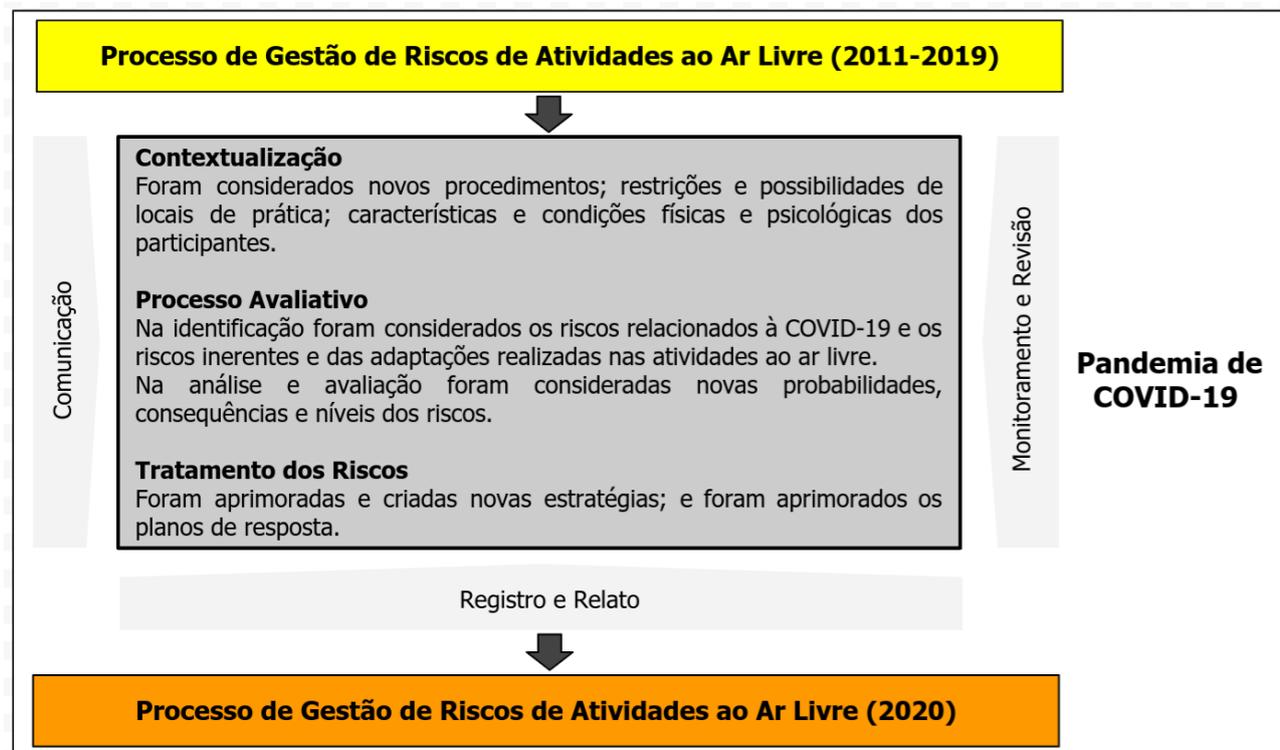
Os participantes da disciplina foram professor, 22 estudantes e 2 colaboradores voluntários. O docente da disciplina possui graduação, mestrado e doutorado em Educação Física, além de especializações em Educação Ambiental. O grupo de estudantes foi composto por 12 mulheres e 10 homens, com idades entre 19 e 36 anos, conforme segue: 13 estudantes de Educação Física, 4 estudantes de Biologia, 2 estudantes de Pedagogia, 1 estudante de Geografia, 1 estudante de Administração de Empresas e 1 estudante de Odontologia. Somaram-se ao grupo uma colaboradora com graduação em Biologia e um colaborador com graduação e mestrado em Educação Física, os quais atuaram voluntariamente em atividades presenciais e online.

A Disciplina Esportes na Natureza conta com uma proposta de gestão de riscos de atividades ao ar livre desde 2011. (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016). A pandemia de COVID-19 impeliu a uma revisão aprofundada e ao aprimoramento de todo o processo de gestão de riscos utilizado. A figura 2 sumariza os aspectos que foram considerados, aprimorados e criados no processo de gestão de riscos de atividades ao ar livre.

⁹ As atividades experienciais se relacionam com a aprendizagem e educação experienciais. A aprendizagem experiencial compreende: “os processos de aprendizagem oriundos de experiências.” (ITIN, 1999). A educação experiencial é um método em que experiências levam a reflexões com o intuito de desenvolver competências ambientais e sociais. (AEE, 2020).



Figura 2 – Processo de Gestão de Riscos de Atividades ao ar livre durante a pandemia de COVID-19.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A contextualização no processo de gestão de riscos de atividades ao ar livre durante a pandemia obrigou a adoção de novos procedimentos, a consideração de restrições e de possibilidades de locais de prática, bem como características e alterações nas condições físicas e psicológicas dos participantes, conforme segue:

- Foram considerados os procedimentos que constam no Plano Institucional de Prevenção e Redução de Riscos - COVID-19 da PUCRS¹⁰, que está em sintonia e em constante atualização em relação a orientações e protocolos de órgãos de saúde;
- Foram consideradas as restrições e possibilidades de acesso a locais de prática em parques, praças e unidades de conservação. As atividades práticas ocorreram exclusivamente dentro do município de Porto Alegre e em locais e horários com reduzida presença de outros indivíduos, desse modo, indo ao encontro de Freeman e Eykelbosh (2020) e LNT (2020) que sugerem o uso de locais próximos e com o mínimo de aglomeração de terceiros; e,
- Foram consideradas as características dos participantes e possíveis mudanças nas condições físicas e psicológicas, em face da pandemia e do período de isolamento

¹⁰ O Plano Institucional de Prevenção e Redução de Riscos – COVID-19 da PUCRS encontra-se disponível em: <<http://www.pucrs.br/coronavirus/plano/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.



social. Conforme Kauffman e Moiseichik (2013) condicionamento físico reduzido e elevados níveis de estresse, ansiedade, entre outros fatores humanos podem ampliar as chances de acidentes ou incidentes. Também cabe destacar que o êxito na gestão de riscos de atividade ao ar livre, conforme Cavasini, Breyer e Petersen (2016), se relaciona com a compreensão das características de cada grupo.

O processo avaliativo ocorreu por meio da identificação, análise e avaliação dos riscos. Para a identificação dos riscos foram utilizados: informações da WHO e do CDC; considerações presentes no quadro 1; dados da abordagem anterior de gestão de riscos da disciplina; possíveis eventos e cenários durante a prática de atividades ao ar livre¹¹.

A análise buscou classificar os riscos de acordo com probabilidades e consequências. As probabilidades de ocorrência dos riscos foram classificadas em: remotas, improváveis, ocasionais, prováveis e frequentes. Ao passo que as consequências dos riscos foram classificadas como: insignificantes, reduzidas, moderadas, críticas e catastróficas¹².

A avaliação dos riscos utilizou uma matriz formada pelas probabilidades e consequências para determinar os níveis dos riscos, como pode ser conferido na figura 3.

Figura 3 – Matriz e níveis dos riscos.

Probabilidades	Consequências				
	Insignificante	Reduzida	Moderada	Crítica	Catastrófica
Remota	I	I	II	III	III
Improvável	I	I	II	III	III
Ocasional	I	II	III	III	IV
Provável	II	II	III	IV	IV
Frequente	II	II	III	IV	IV

	Níveis	Demandas
I	Riscos reduzidos	Procedimentos de rotina
II	Riscos medianos	Gestão de riscos simplificada
III	Riscos significativos	Gestão de riscos detalhada
IV	Riscos extremos	Gestão e pesquisas extremamente detalhadas

Fonte: Elaborada pelos autores.

¹¹ Entre as atividades ao ar livre tratadas na disciplina, foram abordadas no relato: atividades em trilhas, como *hiking* e *trail running*; e atividades recreativas e educacionais, como piqueniques e práticas de mínimo impacto ambiental, respectivamente. A escolha ocorreu devido à relevância e à expressividade dessas atividades no contexto nacional.

¹² Um maior detalhamento das classificações de probabilidades e consequências utilizadas nessa etapa do processo de gestão de riscos pode ser conferido em Cavasini, Breyer e Petersen (2016).



O quadro 2 sumariza a avaliação de riscos produzida. A avaliação apresenta os riscos identificados, que foram organizados em riscos de contágio pela COVID-19 e riscos inerentes e de adaptações, bem como os níveis atribuídos à cada risco.

Quadro 2 – Riscos e níveis.

Riscos		Níveis*
Contágio pela COVID-19	Permanecer em locais com aglomeração de indivíduos	II/III/IV
	Não manter o distanciamento social	I/II/III/IV
	Participar da aula tendo confirmação ou sintomas da doença	II/III/IV
	Não manter a etiqueta respiratória	I/II/III/IV
	Não utilizar máscara facial de modo apropriado	I/II/III/IV
	Não realizar a constante higienização de mãos	I/II/III/IV
	Partilhar alimentos, bebidas ou equipamentos	II/III/IV
	Reduzido conhecimento do processo de gestão de riscos	II/III/IV
	Reduzidas competências de gestão de riscos	II/III/IV
Riscos inerentes e de adaptações	Hipotermia	I/II
	Reações alérgicas	I/II/III/IV
	Queimaduras	I
	Desidratação	I/II
	Contusões	I/II/III
	Escoriações	I/II
	Torções	I/II/III
	Fraturas	II/III
	Assaltos	I/II/III
	Furtos	I/II
	Agressões	II/III/IV
	Perder-se nos locais de prática	I

*Níveis: I - Riscos Reduzidos; II - Riscos Medianos; III - Riscos Significativos; e, IV - Riscos Extremos.

Fonte: Elaborado pelos autores.



Cabe destacar que as atividades ao ar livre continuam expondo os indivíduos a riscos, que são inerentes às práticas e podem ser exemplificados por lesões e fraturas. Também precisam ser consideradas as adaptações nas atividades ao ar livre, como o distanciamento social e o uso de máscaras faciais que podem impactar a eficiência da comunicação e da execução de tarefas, gerando novos ou ampliando riscos já existentes.

Além disso, o mesmo risco pode estar presente em mais de um nível, pois suas probabilidades e consequências podem variar. (CAVASINI; BREYER; PETERSEN, 2016). No caso dos riscos de contágio por COVID-19, Freeman e Eykelbosh (2020) afirmam que níveis de aglomeração de indivíduos, além de temperatura, índices de raios ultravioleta e direção de ventos podem alterar as probabilidades de contágio. Em relação aos riscos inerentes e das adaptações de atividades ao ar livre, Gaudio, Lemery e Johnson (2014) enfatizam que as consequências de ferroadas de abelhas podem variar da simples sensação de dor local até a anafilaxia.

Para o tratamento dos riscos foram criadas estratégias e aprimorados os planos de resposta. As estratégias criadas foram organizadas em três categorias: novos procedimentos e adaptações; gestão de riscos inerentes; e desenvolvimento de competências. Essas categorias e estratégias compõem o quadro 3.

Os procedimentos presentes no Plano Institucional de Prevenção e Redução de Riscos COVID-19 PUCRS foram atendidos, obrigando à criação de adaptações nas atividades propostas. Desse modo, indo ao encontro de Freeman e Eykelbosh (2020), NRPA (2020), LNT (2020), NOLS (2020) e NPS (2020), os quais sugerem que a prática de atividades ao ar livre precisa estar em sintonia com as orientações produzidas por órgãos de saúde.

Independente da gestão de riscos relacionados ao contágio pela COVID-19, permanece a necessidade de tratar das lesões, hipotermia, reações alérgicas, queimaduras, entre outros riscos inerentes. Segundo Attarian (2012) e Kosseff (2010) os riscos inerentes são partes integrais das atividades ao ar livre, que não podem ser eliminados sem alterar a essência das atividades. De fato, esses riscos precisam ser considerados e tratados de modo adequado nos processos de gestão de riscos.

A presença de novos procedimentos, adaptações e riscos inerentes ampliaram as demandas pelo desenvolvimento de competências de gestão de riscos e para a prática de atividades ao ar livre. Nesse sentido Kauffman e Moiseichik (2013) sugerem que reduzidos níveis de habilidades e conhecimentos, muitas vezes relacionados ao uso de novos equipamentos e técnicas, possuem relação com a ampliação das chances de ocorrência de incidentes graves e acidentes durante a realização de atividades ao ar livre.

**Quadro 3** - Categorias e estratégias para o tratamento dos riscos.

Categorias	Estratégias
Novos procedimentos e adaptações	Atender ao Plano Institucional de prevenção e redução de riscos COVID-19 PUCRS
	Usar máscara facial de modo adequado
	Manter a etiqueta respiratória e realizar a higienização das mãos de modo constante
	Manter o distanciamento mínimo de 2 metros entre os participantes e demais indivíduos
	Reduzir os níveis de exposição a riscos
	Aprimorar a comunicação nas atividades online e presenciais
	Não permitir a participação de alunos com confirmação ou sintomas da doença
	Encaminhar adequadamente máscaras descartáveis e demais resíduos produzidos nas aulas
Gestão de riscos inerentes	Professor possuir formação em primeiros socorros para atividades ao ar livre
	Escolher local, época do ano e horário adequados à realização das atividades
	Usar protetor solar, vestuário e calçados apropriados
	Verificar a presença de alunos com histórico de crises alérgicas
	Ingerir líquidos de acordo com as condições meteorológicas e atividades planejadas
	Realizar as atividades conforme o orientado
	Não realizar atividades práticas em caso de condições meteorológicas desafiadoras
	Encerrar a realização de práticas caso algum aluno não realize conforme o solicitado
Desenvolvimento de competências	Produzir e utilizar vídeos, textos e outros materiais para contribuir na construção de conhecimentos sobre o processo de gestão de riscos empregado na disciplina
	Utilizar redes sociais e plataformas online para o desenvolvimento de conhecimentos sobre questões relacionadas à pandemia, às atividades ao ar livre e à gestão de riscos
	Realizar aulas experienciais focadas no desenvolvimento de competências relevantes à gestão de riscos e para atender às demandas das adaptações das práticas
	Envolver os alunos nas etapas do desenvolvimento do processo de gestão de riscos
	Manter o desenvolvimento de competências necessárias a prática de atividades ao ar livre

Fonte: Produzido pelos autores.

Devido a pandemia, foram desenvolvidos novos planos de resposta com o foco em: avaliar constantemente as capacidades e limitações; aprimorar os processos de comunicação; aprimorar os procedimentos de resgate e salvamento; aprimorar as competências de primeiros socorros; contar com apólice de seguro; ampliar o suporte institucional para o atendimento após acidentes. Kauffman e Moiseichik (2013) defendem que a preparação para



situações que ocorram durante e após acidentes é tão importante quanto as estratégias de tratamento de riscos. Os autores enfatizam que essa preparação deve ser considerada essencial à gestão de riscos.

Os processos de gestão de riscos possuem demandas constantes de comunicação, registro, relato, monitoramento e revisão. A comunicação entre os participantes ocorreu, principalmente, pela plataforma *Moodle*, redes sociais *Instagram* e *Facebook*, além dos aplicativos *Whatsapp* e *Zoom*. Para o registro e relato, foram produzidos relatórios das atividades e esses materiais foram tratados em 6 reuniões online entre professor e colaboradores voluntários, bem como integraram as atividades de 3 aulas online com todos participantes da disciplina. Em relação ao monitoramento e revisão foram utilizados os relatórios e as informações produzidas nas reuniões e aulas online, ao mesmo tempo em que foram acompanhadas as atualizações do Plano Institucional de Prevenção e Redução de Riscos – COVID-19 da PUCRS e novas orientações de instituições de referência na área de atividades ao ar livre.

A avaliação da experiência foi elaborada com base nos registros, relatos, monitoramento e revisão. Ela sugere o êxito do processo de gestão de riscos devido aos seguintes aspectos: inexistência de acidentes ou incidentes graves no semestre; desenvolvimento de competências de gestão de riscos entre os participantes; ampliação da percepção de relevância e do interesse pelo tema por parte dos alunos; utilização do processo de gestão de riscos para a criação de soluções de segurança, envolvendo atividades físicas realizadas em demais contextos durante a pandemia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades ao ar livre despertam o interesse da população, possuem benefícios que podem ser explorados, ao mesmo tempo em que geram a demanda por processos de gestão de riscos, em especial, com a presença da COVID-19. Esse estudo relatou o desenvolvimento do processo de gestão de riscos de atividades ao ar livre criado na Disciplina Esportes na Natureza do Curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em face dos desafios à gestão de riscos de atividades ao ar livre durante a pandemia, torna-se relevante abordar algumas considerações sobre o tema.

A primeira consideração possui relação com escolas, universidades, clubes esportivos, empresas de turismo, entre outras instituições que buscam promover ou estejam desenvolvendo atividades ao ar livre durante a pandemia. Os riscos de contágio pela COVID-



19 precisam ser tratados¹³, sem deixar de considerar os riscos inerentes de cada atividade e de possíveis adaptações das práticas. Os protocolos de órgãos de saúde, bem como possíveis restrições e proibições das práticas são componentes essenciais ao êxito da gestão de riscos. De modo complementar, o planejamento das atividades deve ser aprimorado, devido ao caráter dinâmico da pandemia, às prováveis alterações em protocolos e ao surgimento de orientações complementares a gestão de riscos.

A segunda consideração volta-se a população em geral, em especial devido a ampliação do interesse pela prática de atividades ao ar livre durante a pandemia. Algumas estratégias podem ser implementadas facilmente e contribuir de forma expressiva à gestão de riscos: seguir as orientações de órgãos de saúde; manter o distanciamento social, a etiqueta respiratória, a higienização das mãos; usar máscaras faciais de forma correta; evitar atividades com expressiva exposição a riscos¹⁴; e evitar práticas em caso de confirmação ou de sintomas da COVID-19. Cabe destacar a utilidade de cursos online, redes sociais, aplicativos de comunicação e *websites* para a troca de informações e o desenvolvimento de competências de gestão de riscos durante a pandemia.

Por fim, é necessário abordar o desenvolvimento de outros estudos. A maior parte da literatura sobre a gestão de riscos de atividades ao ar livre é produzida em outros países e não necessariamente considera as características geográficas, climáticas, culturais e sociais existentes no Brasil. Assim, enfatiza-se a importância da realização de pesquisas complementares sobre o relato aqui apresentado, bem como de novos estudos focados na gestão de riscos de atividades ao ar livre realizadas durante a pandemia em demais contextos brasileiros.

5. REFERÊNCIAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ISO NBR 31000/2018 Gestão de Riscos:** Diretrizes. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

AEE - ASSOCIATION FOR EXPERIENTIAL EDUCATION. Disponível em: <<http://www.aee.org/about/whatIsEE>>. Acesso em: 2 mai. 2020.

¹³ O tratamento de riscos inclui estratégias que objetivam reduzir probabilidades e consequências, além de aceitar, transferir e evitar os riscos. Os riscos extremos, como o de contágio pela COVID-19, podem ser tratados por meio de estratégias que buscam evitá-los, o que pode significar a não realização de determinadas atividades ao ar livre.

¹⁴ As práticas com expressiva exposição a riscos, como o surfe de grandes ondas, *mountain bike downhill* e o paraquedismo *base jump*, possuem maiores probabilidades de ocorrência de eventos negativos graves, os quais demandem resgate, salvamento e demais atendimentos de saúde. Dessa forma, utilizando recursos físicos e humanos que deixariam de estar sendo dedicados à pandemia, ao mesmo tempo em que haveria a ampliação da probabilidade de contágio pela COVID-19 de todos os envolvidos nas ocorrências.



- ATTARIAN, A. **Risk management in outdoor and adventure programs:** scenarios of accidents, incidents and misadventures. Champaign: Human Kinetics, 2012.
- BARTON, B. **Safety, risk and adventure in outdoor activities.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.
- CAVASINI, R.; BREYER, R. F.; ANNES, A. P.; KSSESINSKI, J. L.; PRATES, M. B. Relato de experiência de uma proposta de educação ambiental ao ar livre desenvolvida em duas unidades de conservação no município de Porto Alegre. **Educação Ambiental em Ação**, v.71, jun./ago. 2020.
- CAVASINI, R.; BREYER, R. F. Workshop de Conscientização Não Deixe Rastro: Educação Ambiental em Atividades ao Ar Livre. **Educação Ambiental em Ação**, v.59, mar./mai. 2017.
- CAVASINI, R. **Projetos esportivos sociais voltados para jovens:** um estudo das contribuições do projeto navegar de Porto Alegre. São Paulo: Cia. do Ebook, 2018. *E-book*.
- CAVASINI, R. **Intervenções pedagógicas de educação ambiental no programa segundo tempo.** 2016. p. 138. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- CAVASINI, R.; BREYER, R. F.; PETERSEN, R. S. Uma abordagem de gestão de riscos para atividades de educação ambiental ao ar livre. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.11, n.4, p.100-116, 2016.
- DICKSON, T.; GRAY, T. **Risk management in the outdoors:** a whole of organization approach for education, sport and recreation. Melbourne: Cambridge University Press, 2012.
- FITZGERALD, P. **Risk management guide for tourism operators.** Ottawa: Canadian Tourism Commission, 2003.
- FREEMAN, S.; EYKELBOSH, A. **COVID-19 and outdoor safety:** considerations for use of outdoor recreational spaces. Vancouver: National Collaborating Center for Environmental Health, 2020.
- FULLER, C.; DRAWER, S. The application of risk management in sport. **Sports Medicine**, v.34, n.6, p.349-356, 2004.
- GAUDIO, F.; LEMERY, J.; JOHNSON, D. Wilderness medical society practice guidelines for the use of epinephrine in outdoor education: 2014 update. **Wilderness and Environmental Medicine**, v.25, p.15-18, 2014.



GRIMALDI, M.; FELIPE, J. L.; Y CUADRADO, J. Adaptación en la organización y gestión de los riesgos en las actividades físico deportivas en el medio natural. **Habilidad Motriz Revista de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v.40, p.26-31, 2013.

HOGAN, R. The crux of risk management in outdoor programs: minimizing the possibility of death and disabling injury. **Australian Journal of Outdoor Education**, v.6, n.2, p.71-79, 2002.

ITIN, C. M. Reasserting the philosophy of experiential education as a vehicle for change in the 21st century. **The Journal of Experiential Education**, v.22, n.2, p.91-98, 1999.

KAUFFMAN, R. B.; MOISEICHIK, M. L. **Integrated risk management for leisure services**. Champaign: Kinetics, 2013.

KOSSEFF, A. **AMC guide to outdoor leadership**. Guilford: Globe Pequot Press, 2010.

KNIGHT, S. **Risk and adventure in early years outdoor play: learning from forest schools**. Thousand Oaks: SAGE, 2011.

LAROCHE, D.; CORBETT, R. **Risk management guide for community sport organizations**. Vancouver: 2010 Legacies Now, 2010.

LNT – LEAVE NO TRACE CENTER FOR OUTDOOR ETHICS. Disponível em: <<https://lnt.org>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

MANNING, R. E. **Studies in outdoor recreation: search and research for satisfaction**. Corvallis: Oregon State University Press, 2011.

NOLS – NATIONAL OUTDOOR LEADERSHIP SCHOOL. **NOLS risk management training**. Lander: National Outdoor Leadership School, 2010.

NOLS – NATIONAL OUTDOOR LEADERSHIP SCHOOL. Disponível em: <<http://www.nols.edu/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

NPS – NATIONAL PARK SERVICE. Disponível em: <<https://www.nps.gov/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

NRPA – NATIONAL RECREATION AND PARK ASSOCIATION. Disponível em: <<https://www.nrpa.org>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível em: <<https://www.who.int/>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Submetido em: **26/06/2020**

Aceito em: **08/08/2020**